

# DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS

## A GERAÇÃO DA RUTURA

Faz todo o sentido associar o lançamento da obra *DEFICIENTES DAS FORÇAS ARMADAS - A GERAÇÃO DA RUTURA* à comemoração de mais um aniversário da Revolta Militar de 25 de Abril. A guerra, os seus mortos e feridos, a sísmica ruptura de 1974 e a constituição da Associação dos Deficientes das Forças Armadas, fazem parte do extraordinário movimento que, numa madrugada de Abril, explodiu em clamores de Liberdade.

Decorridos treze anos de guerra, o poder político do regime fundado por Salazar ainda não lograra reconhecer o esgotamento do seu modelo de “Cabeça de Império”, nem tão-pouco a flagrante exiguidade dos meios de que dispunha para levar a cabo a sua política. Proibido que estava o debate público sobre a continuidade da guerra, a descrença da generalidade do povo português e o seu afastamento mental da problemática ultramarina eram patentes e nem a ausência da sua expressão, garantida pelos serviços de censura, haveria de impedir o registo dessa realidade. Por não ter de passar pelo crivo do “Exame Prévio”, o *Jornal do Exército* de Julho de 1970 daria nota deste afastamento, através de um magoado reparo, no qual, a propósito das cerimónias militares ocorridas no 10 de Junho anterior, se não escondia o ressentimento da Instituição Militar:

Esse esquecimento, por vezes quase alheamento, do que por lá se passa é uma ofensa para todo aquele que, generosamente, está combatendo e sacrificando anos da sua vida para o bem comum.

A indiferença generalizada pela tropa que vai e pela que regressa é, infelizmente, facto mais que comprovado para a quase totalidade das pessoas que ali não tenham parentes ou amigos...

Mas, entretanto, que fazia o Estado a favor da massa de deficientes que a guerra já produzira? O Estado, sem a pressão de uma imprensa livre e de partidos políticos, e sentindo que, em caso de queixas, podia sempre mandar avançar a polícia política, acomodou-se a um apoio discreto, na forma e no conteúdo, que, desde logo, permite entender a razão pela qual alguns militares deficientes, se juntaram, desde o seu início, à conspiração que levou à vitória de Abril.

Também o regime do Estado Novo quisera manter-se na miserável tradição que, já em 1669, o Padre António Vieira muito justamente denunciara, quando, num dos seus sermões, deixara esta dolorosa advertência:

Se servistes a Pátria, que vos foi ingrata, vós fizestes o que devíeis, ela o que costuma.<sup>1</sup>

Triste costume este, em que os combatentes correm riscos em tempo de paz.

O livro que aqui apresentamos vem, por conseguinte, lembrar-nos a sucessão de eventos que, tendo como pano de fundo o processo revolucionário que se seguiu à

---

<sup>1</sup> "Sermão da Terceira Quarta-Feira da Quaresma", na Capela Real, ano 1669; in: *Sermões*, Tomo I, página 105

libertação, levou à constituição da Associação de Deficientes das Forças Armadas. Com a particularidade de, diversamente do que sucedeu aquando da constituição da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, ela ter nascido não essencialmente por ter terminado uma guerra mas no seguimento de uma revolta militar para acabar com a guerra.

Esta extensa obra, rica de reflexões e depoimentos, entra directamente e por mérito próprio na galeria das obras de História que se focam no nosso retorno à Democracia. Nela encontramos o registo pormenorizado da atribulada criação da ADFA, as incompreensões e atitudes malévolas que foram constituindo indesejáveis obstáculos e o papel por ela desempenhado na afirmação pública, nas justas reivindicações, nas acções de apoio médico aos deficientes portugueses de corpo e espírito e na sua reintegração social. E dá-nos conta, ainda, de que, apesar de algumas vitórias importantes, prossegue a luta pelo melhoramento da legislação aplicável aos DFA.

Parece um contra-senso falar aqui do “prosseguimento da luta”, quando a guerra já terminou, mas não há contra-senso nenhum. No que respeita às consequências, as guerras não terminam. Apetece dizer, como afirmou um dia o general de Gaulle – embora num contexto diferente –, “que a guerra é contra os inimigos e a paz contra os amigos”. Não! A luta tem de prosseguir porque há um preço que ainda não foi pago – o preço da nossa última cruzada, como bem destacou Eduardo Lourenço, quando, no Prefácio desta obra escreveu:

A ADFA [...] levou a cabo essa memorialização do que não podia ser esquecido sem injustiça e grave pecado, ética e humanamente insuportáveis, para aqueles que o sofreram por cumprirem o que desde sempre foi exigido em nome de valores ou ideais dignos, na óptica do tempo em que combateram, de consideração e respeito. É esta uma, se não a mais profunda, homenagem-reparação – não daquilo que é impossível reparar no sacrifício, de que as suas ainda agora visíveis marcas são o glorificado e insuportável preço.

David Martelo

Porto, Passos do Concelho, 24 de Abril de 2018